

UM OLHAR SOBRE A RESSIGNIFICAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PROMOÇÃO DE SABERES “OUTROS¹” NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Wellington Rildo da Silva Marques¹

¹Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil (wellingtonrildo@gmail.com)

Resumo: Este artigo, desenvolvido fomentado a partir do Projeto de Extensão Universitária, “Vozes que se expressam” – Módulo IV, intitulado “Saberes Indígenas: Sociedade e Cultura”, coordenado pela Professora Dr^a Maria Alice Sabini de Souza e promovido pelo Departamento de Línguas Estrangeiras, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, ministrado no formato on-line, pela plataforma google meet, no primeiro semestre de 2021. Levando em consideração a devastadora crise sanitária provocada pela pandemia da covid-19, causada pelo vírus SARS-Cov-2 ou Novo Coronavírus, desde março de 2020, que ocasionou complexas e destemidas repercussões, “[...] não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemiologias” (PORTAL FIOCRUZ, 2020), os efeitos trágicos e angustiantes desse cenário pandêmico não só resultou em milhares de mortes e isolamento social, contudo, especificamente no âmbito educacional, desencadeou novas formas de insurgimento de saberes, práticas educativas e (de)formativas, como processo de aprender a desaprender. Nessa direção, o projeto de extensão universitária, “Saberes Indígenas: Sociedade e Cultura”, ofertado, de forma gratuita, aos pesquisadores, diretores, coordenadores, supervisores, professores e alunos de graduação e pós-graduação proporcionou por meio da temática em xeque, oportunizando por meio da formação continuada, diálogo, escuta, compartilhamento de relatos e de experiências articuladas por meio do debate coletivo. Nesse sentido, esta pesquisa, alinhada à linha temática, “Desafios e perspectivas da Extensão Universitária” com o intuito de ampliar e estimular a reflexão sobre a ressignificação dos projetos e cursos de extensão universitária promovidos pelas instituições de ensino superior, na formação continuada de professores, principalmente em tempos pandêmicos, se propõe como objetivo central refletir sobre as contribuições das extensões universitárias como ponte de interação e socialização de saberes “outros” abertos às comunidades universitárias e não universitárias como forma de promoção do conhecimento, cuja iniciativa em parceria com Universidades e Faculdades, na tentativa de contribuir com a ação-reflexão do fazer docente. Para a consecução da pesquisa aqui proposta, optou-se por utilizar uma pesquisa de cunho qualitativo, ou seja, uma pesquisa bibliográfica, apoiada nos pressupostos teóricos, amparados nos estudos de alguns pesquisadores e estudiosos. As considerações (in)conclusas da pesquisa demonstraram que os cursos de extensões universitárias, especificamente no período da pandemia da Covid-19 potencializaram as reflexões do fazer-docente, contribuindo para uma prática educativa baseada na ação-reflexão dos professores.

Palavras-chave: Extensão universitária. Saberes “outros”; Formação continuada de professores; Pandemia.

INTRODUÇÃO

As reflexões partilhadas neste artigo foram delineadas a partir do ineditismo cenário pandêmico imposto ao cenário de magnitude global, desde quando o diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros

Adhanom, em 11 de março de 2020, noticiou ao mundo a devastadora crise sanitária provocada pela pandemia da covid-19, causada pelo vírus SARS-Cov-2 ou Novo Coronavírus. Notadamente, tem-se a clareza de que os impactos gerados pela pandemia ocasionaram complexas e destemidas repercussões,

¹ Para uma discussão profícua sobre essa perspectiva teórico-metodológica, WALSH (2021), afirmam que “o uso do termo “outro” aqui não pretende referir a mais um pensamento, mas, ao invés disso e em concordância com o intelectual islâmico-marroquino Abdelkebir Khatibi ([2001?]), a um modo de pensar coletivo que é concebido e produzido a partir da diferença e rumo à libertação”. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78195/43061>. Acesso em: 31 jul. 2022.

“não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemiologias” (PORTAL FIOCRUZ, 2020).

A partir do momento em que foi constatado a elevação do nível do vírus sob forte incidência da propagação do mesmo em elevado grau de contaminação, o planeta navegou por mares de luto, dores e sofrimentos sem qualquer possibilidade de reparação, sob a evidência de “uma crise multidimensional sem precedentes, com impactos na política, na economia, na pedagogia e na organização dos processos educativos no Brasil e no mundo” (REVEDUC, 2022). Com vistas aos mais variados problemas acarretados pela crise pandêmica, diga-se de passagem, que, diversos cenários e segmentos, tais como, o socioeconômico, educacional, político, cultural, bem como o campo científico, foram postos a tamanhos desafios que tiveram que enfrentar, e como isso, as desigualdades, especificamente, no contexto brasileiro, se elevaram a patamares de tamanha exclusão e invisibilidade, de maneira que o questionamento sobre a existência de um problema social estrutural, segregou ainda mais as camadas menos favorecidas colocando pessoas pobres à margem da sociedade.

Com isso, considero importante ressaltar que, especificamente, o sistema educacional brasileiro, representado por milhares de alunos, alunas, professores, professoras e gestores educacionais tiveram que urgentemente reinventar a roda, como rota de fuga na tentativa de criar mecanismos para que o ensino e a aprendizagem fossem preservados e garantidos, como ação que se reverteria na promoção do conhecimento e de saberes outros, sem perder de vista a diversidade e o pluralismo de realidades socioculturais.

Considerando esses pressupostos, preliminarmente indispensáveis e fundantes, esta pesquisa que pretende refletir sobre as contribuições das extensões universitárias como ponte de interação e socialização de saberes “outros” abertos às comunidades universitárias e não universitárias como forma de promoção do conhecimento, além da introdução, das considerações finais e das referências, está estruturada em duas seções.

Na primeira seção, me propus a discutir sobre as contribuições da extensão universitária como instrumento mediador na (de)formação inicial e continuada de professores como mecanismo dialógico-político e pedagógico capaz de articular e fomentar profícuos diálogos e debates relacionados ao estreitamento da integração de saberes “outros” como promoção da aprendizagem crítica. Já na segunda seção, o intuito da discussão pautou-se no paradigma de narrativas (auto)biográficas, considerando a

trajetória (de)formativa do Projeto de Extensão Universitária Vozes que se expressam.

AS CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO AÇÃO DIALÓGICO-POLÍTICO E PEDAGÓGICA NA (DE)FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CENÁRIO DA PANDEMIA DA COVID-19

Nesta seção ensejo discutir sobre as contribuições da extensão universitária como instrumento mediador na (de)formação inicial e continuada de professores com o intuito de refletir sobre o diálogo entre a academia e a comunidade docente e discente, que principalmente, no contexto da pandemia da Covid-19 estreitou ainda mais a relação dialógica ampliando profícuos debates e a integração de saberes fortalecendo com isso, uma consciência política e emancipadora.

À guisa de premissa, é importante compreender o que se entende por extensão universitária, em que consiste o papel desta em promover o diálogo tanto com a comunidade interna, e para além disso como se dá o diálogo com a sociedade externa e como esse processo se incide, a partir do que a academia propõe dialogar. De acordo com a perspectiva traçada por Marques (2020), a autora explicita que,

a extensão universitária é uma expressão do compromisso social da universidade com a sociedade, pois representa o elo da pesquisa e do ensino adquirido pelos seus discentes e propagado pelos seus docentes, em um processo contínuo de ensino-aprendizagem, cheio de trocas, saberes, ciência e mutualidade. A sua dinâmica de funcionamento é conduzida com planejamento, construção de passos, divulgação de editais, tudo preparado com muito cuidado, para que aqueles que estão além dos muros da universidade possam usufruir de seus resultados.

Na esteira desse significativo conceito, pretendo avançar ainda mais para afirmar que,

a universidade, através da extensão, influencia

e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e o meio. A extensão universitária deve funcionar como uma via de duas mãos, em que a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e também aprende com o saber dessas comunidades. (SCHEIDEMANTEL, KLEIN, TEIXEIRA 2004, p. 2).

Essa via de mão dupla, conforme propõe (SCHEIDEMANTEL, KLEIN, TEIXEIRA 2004), acerca do papel essencialmente político das atividades extensionista, envolvendo a universidade e a comunidade, não só fortalece as comunidades extramuros, cujo o intuito de provocar reflexões críticas, mas também à academia, que pautada na tríade ensino-pesquisa e extensão (BRASIL, 1998, Art. 207), visa “implementar o processo de democratização do conhecimento acadêmico, estabelecer mecanismos de integração entre os saberes acadêmico e popular, de forma que a produção do conhecimento se efetive no confronto com a realidade, com permanente interação entre teoria e prática” (Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, p. 27).

Se em tempos de outrora, a extensão universitária assumia um caráter eminentemente assistencialista, configurando com isso uma identidade baseada nos paradigmas filantrópicos, partindo desse princípio é possível considerar que com o avanço do conhecimento científico, com a insurgência de saberes, crenças e culturas de determinados sujeitos, povos e comunidades e com a formação de estudantes academicistas pertencentes a grupos étnico-raciais, a universidade, com a extensão, precisou romper com esses moldes dialógicos pela necessidade de comunicar-se e interagir de forma mais ampla e robusta, visando a necessidade de “transpor seus muros para prestar serviços para a sociedade (CRISOSTIMO; SILVEIRA, 2017).

Ainda nessa direção, vale ressaltar que “a prática extensionista, que antes se resumia a uma atividade militante de professores, técnicos e alunos, realizada nos finais de semana e sem recurso financeiro ou operacional, hoje trilha caminhos que extrapolam as suas fronteiras” (SANTOS; DEUS, 2014), de maneira

que, o reconhecimento legal sobre a relevância e funcionalidade da “Extensão Universitária passou a ser percebida como um processo que articula o Ensino e a Pesquisa e se relaciona com os novos movimentos sociais” (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p. 14).

Nessa máxima, uma questão a ser destacada é que a extensão universitária, enquanto “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p. 15), mesmo quando a pandemia da Covid-19, de forma avassaladora instaurou o caos implicando no isolamento e distanciamento social, no fechamento das redes de ensino públicas e privadas, como também atingindo as esferas educacionais de nível superior, as ações extensionistas, por intermédio das universidades federais e estaduais, de todo o país possibilitaram um diálogo emergente com seus interlocutores internos e externos, com o intuito de assegurar a incorporação de créditos curriculares e extracurriculares, redesenhando assim a produção e promoção de conhecimentos e saberes outros diante de um cenário caoticamente comprometido.

A TRAJETÓRIA (DE)FORMATIVA DO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA “VOZES QUE SE EXPRESSAM”: UMA PERSPECTIVA DE DIÁLOGO INTERCULTURAL

ÍNDIO EU NÃO SOU

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.

Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.
Chegou tarde, eu já estava aqui
Caravela aportou bem ali
Eu vi “homem branco” subir
Na minha Uka me escondi.

Ele veio sem permissão

Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos, uma missão
Dizimar para a civilização.

“Índio” eu não sou.
Sou Kambeba, sou Tembê
Sou kokama, sou Sataré
Sou Guarani, sou Arawaté

Sou tikuna, sou Suruí
Sou Tupinambá, sou Pataxó
Sou Terena, sou Tukano Resisto com raça e fé.

(KAMBEBA, 2020a)

O propósito de iniciar esta seção com a escrita deste poema objetiva, a priori, confrontar àquela falsa ideia disseminada pela herança colonial, a despeito da história dos povos e comunidades originários, como sendo estereotipados como “nativos, ingênuos, quase crianças, nus, sem religião, lei ou ordem” (LIMA; ALMEIDA, 2010, p. 5). Aliás, diga-se de passagem, que, ao longo de séculos a prevalência dessa história única e excludente tem a ver com a consequência da modernidade/colonial inventada, sob a lógica de sustentação na classificação binária do mundo e nas ideologias de raça, gênero e classe” (REZENDE; SILVA, 2018).

A figura a seguir, também colabora, de forma ilustrada sobre a temática que serviu de pano de fundo para as discussões relacionadas aos propósitos do encontro do Projeto de Extensão – “Vozes que se expressam”.



Figura 1: Chama da aula do IV módulo

Inicialmente, considero importante contextualizar que o Projeto de Extensão – “Vozes que se expressam”, institucionalmente esteve vinculado ao Departamento de Línguas Estrangeiras, por meio das ações do NDE do curso de Letras Inglês da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, por meio de encontros virtuais, com exibição de lives que foram realizadas pela plataforma Google Meet.

Com o intuito de propiciar a visibilidade de alguns grupos que vivem à margem da sociedade hegemônica, ou seja, o projeto de extensão (in)surge como possibilidade de traçar um diálogo com seus participantes – com a comunidade interna e externa, ampliando debates enriquecedores, dialógicos, cunhado numa pauta de discussão eminentemente inter/multicultural, envolvendo os sujeitos-participantes nas temáticas abordadas, a fim de possibilitar a reflexão crítica-analítica sobre questões inerentes a constituição do sujeito a partir do seu lugar de fala. O projeto inclui os seguintes grupos, a saber: Mulheres, Negros, LGBTQIA+, indígenas e Sujeitos em condição de trânsito.

O Quarto Módulo - Saberes indígenas: sociedade e cultura, por sua vez é o recorte do projeto, que me proponho trazer uma reflexão como participante envolvido, na condição de ouvinte. A respeito deste módulo, resalto que o primeiro encontro deste foi realizado no dia 26 de abril de 2021 às 20h (horário oficial de Brasília) e os palestrantes convidados foram os professores doutores João Carlos Gomes (UNIR) e Josemar de Campos Maciel (UCDB). O título da live "Saberes indígena: sociedade e cultura proporcionaram também aos participantes um certificado de participação.

A proposta de temáticas difundidas pela perspectiva das universidades ocidentalizadas, no que se refere aos saberes da língua, advindos do contexto sócio-histórico-intercultural, cujo diálogo com olhos do Sul, para o Sul (KLEIMAN, 2013, p. 50), vem abarcando em suas discussões, problemas linguísticos socialmente relevantes, tal como propõe Moita Lopes (2006), suscitado proeminentemente por meio da linguagem que nos permite, ainda e fundamentalmente, a interação social, condição para a vida em sociedade.

No decorrer do curso pude compreender a necessidade de problematizar questões inerentes ao conceito de interseccionalidade – gênero, sexualidade, raça etc, em detrimento das opressões e violências que tangenciam à concepção dos saberes e culturas indígenas, ainda tão invisibilizados e cada vez mais fortalecido pela ascensão do capitalismo nocivo, excludente e massificador. Nesse sentido, é preciso re-existir a esse sistema, opressor, que séculos a fio vem impondo a deslegitimação das culturas, dos saberes, objetos e práticas cotidianas desenvolvidos pelos

povos e comunidades indígenas que ao longo de anos vêm na tentativa de romper com os paradigmas da “história única”.

Durante os acalorados debates, discussões e compartilhamento de ideias pode também conferir que o enfrentamento desse universo de violência, inferiorização, empobrecimento e ferida colonial, muito foi cancelada pelas políticas ideológicas do atual (des)governo Jair Messias Bolsonaro, incisivamente circunscrita pela lógica do capital liberal e do agronegócio, que desenfreadamente lastrearam “[...] retrocessos em todos os campos dos direitos humanos (direitos civis e políticos; direitos econômicos, sociais e culturais; direitos ambientais) (DORNELLES, 2017, p. 154).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com vistas à necessidade de aprender a desaprender, ou seja, “a desaprendizagem como possibilidade do conhecimento” (FABRÍCIO, 2006), a oportunidade como ouvinte no projeto de extensão – “Vozes que se expressam”, renderam frutos substanciados a um olhar de práticas decoloniais, considerando a diversidade étnico-racial como um expoente nas pautas de discussões e agendas públicas, quando se refere aos povos originários, seus saberes e suas culturas.

A relevância especificamente do quarto módulo, como parte do projeto de extensão fortalece o debate “outros” e discussões “outras” para se pensar a extensão universitária como movimento de inclusão indígenas, ampliando por sua vez esse debate nas instâncias de ensino superior, como pauta emergente qualificada pelos corpos, vozes e saberes indígenas, que desde o período colonial foram marcados e afetados pelas “sequelas da cultura e dos valores patriarcais euro-cristãos, branco-falo-cêntricos” (Q, 2008).”

Referências:

DORNELLES, J. R. W. **Direitos Humanos em tempos sombrios: barbárie, autoritarismo e fascismo do século XXI**. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, v. 5 n.2, p. 1, 2017. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/artic/e/view/526>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 59.

Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus – AM, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-48.

KLEIMAN, Ângela. Et al. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. In: Calidoscópico, 2019, v.17 n° 4, p. 724-742. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.04/60747423>.

MARQUES, G. E. C. **A extensão universitária no cenário atual da pandemia do Covid-19**. Revista Práticas em Extensão, v. 04, nº 01, 42-43, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/praticasemextensao/article/view/2188/1604>. Acesso em: 22 set. 2022.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como Linguista Aplicado. In: _____. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p. p. 13-44.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

REZENDE, T. F.; SILVA, D. M. **Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasura a normatividade da língua portuguesa**. Revista Porto das Letras, v. 4 n. 1. 2018: Sociolinguística Brasileira: os Olhares do Sul na Desestabilização dos Modelos Herdados. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/porto-dasletras/issue/view/244>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SANTOS, J. A. dos; DEUS, S. de. **Um novo tempo da extensão universitária brasileira**. Interfaces – Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 6-16, jan./ jun. 2014. In: CRISOSTIMO, A. L.; SILVEIRA, R. M. C. F. (Org.). **A extensão universitária e a produção do conhecimento: caminhos e intencionalidades**. Guarapuava: Ed. da

Unicentro, 2017. 242 p. Disponível em:
<https://www3.unicentro.br/ppgen/wp-content/uploads/sites/28/2017/11/A-Extens%C3%A3o-Universitaria-e-a-Produ%C3%A7%C3%A3o-de-Conhecimento.pdf>.
Acesso em: 28 set. 2022.

SCHEIDEMANTEL, S. E; KLEIN, R; TEIXEIRA, L.
I. **A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 2004.
Disponível em:
<https://www.ufmg.br/congrext/Direitos/Direitos5.pdf>.
Acesso em: 20 set. 2022

WALSH, C. “Outros” saberes, “Outras” críticas: reflexões sobre as políticas e as práticas de filosofia e decolonialidade na “outra” América. Revista X, v. 16, n. 1, p. 54-79, 2021. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78195/43061>. Acesso em: 11 nov. 2022.